



MEMÓRIA AINDA VIVA: OITO ANOS EM FATOS DA TRAJETÓRIA DE QUINZE ANOS DA PLURA

Memory still alive: eight years in facts of Plura's fifteen-year trajectory

Ismael de Vasconcelos Ferreira*
Faculdade Luciano Feijão (FLF)
DOI: 10.29327/256659.15.1-12

RESUMO:

Neste texto irei apresentar parte da história da Plura, Revista de Estudos de Religião da então Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR), no momento em que atuei como editor de layout, passando por editor de texto, editor-associado, até chegar ao posto de editor-chefe, num período de oito anos (2012-2020). Os registros são da memória, mas também podem ser verificados nas publicações disponíveis no site da revista que, bravamente, sob o espírito voluntário de fortes e destemidos guardiões, vem se mantendo ao longo dos seus quinze anos de existência. Plura, neste período, se destacou como um veículo de publicações científicas autônomo, posto não estar ligado a nenhum departamento ou programa de pós-graduação, movimentando-se organicamente a partir de contribuições de associados da ABHR e de pessoas interessadas em publicar suas pesquisas. Passou, quase incólume, por mudanças ocorridas na associação que lhe ampara e, graças à sua consolidação, manteve-se firme, eficiente e relevante, constituindo-se em um capital intelectual digno de celebrações.

Palavras-Chave: História; Memória; Plura; Quinze anos

* Doutor em Ciência da Religião. Professor na Faculdade Luciano Feijão. Ex editor-chefe da Plura, Revista de Estudos de Religião. E-mail: ismaelvasconcelos@gmail.com

INTRODUÇÃO

Trata-se de uma grande satisfação trazer à memória as recordações do tempo em que atuei na *Plura*, Revista de Estudos de Religião, ou simplesmente, “*Plura*”, como é mais comum a referência. Estimulado pelo sempre gentil, atencioso e dedicado Diego Omar da Silveira, que ora ocupa a cadeira de editor-chefe, o momento do convite me levou a uma profunda reflexão, primeiramente sobre minha trajetória enquanto ainda neófito no “serviço”, convidado pelo estimado Arnaldo Érico Huff Junior, orientador e amigo para a vida toda, logo que ingressei no Mestrado em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Em seguida, vieram as primeiras instruções, trabalhos, dúvidas e logo um mundo de novidades do campo da edição de periódicos científicos. Para mim, ingressante na vida acadêmica da pós-graduação, era uma grande oportunidade. E foi!

O caminhar na *Plura* foi, antes de tudo, de muito boa convivência e aprendizado. Inicialmente trabalhando junto com os colegas de mestrado Júlia Junqueira e Valdevino Júnior, uma façanha do nosso orientador em manter-nos próximos a ele para além das nossas atividades de pesquisa, fez com que estreitássemos nossos laços de amizade que perduram até os dias de hoje. O trato com os textos, preparando-os atentamente para a formatação final e publicação, trazia uma sensação de privilégio, pois estávamos diante de um texto ainda inédito, conhecido por poucas pessoas e que logo poderia se tornar uma importante referência científica. Muitas vezes tive essa sensação e isso me munia a dedicar ao trabalho um profundo respeito e senso de responsabilidade.

As memórias que trago aqui são compostas por aquela mesma sensação de doze anos atrás quando fui convidado a colaborar com a *Plura*. Recordá-las é reviver um pouco as experiências e, graças à iniciativa do Diego Omar, fazer o registro histórico desse querido periódico. Para garantir uma sequência, não lógica, mas cronológica, pautarei esta narrativa em três tópicos: Editor de layout e de texto; Editor-associado; e Editor-chefe. A linguagem utilizada no texto é minimamente livre de cientificismo e academicismo. Às vezes é importante deixar as emoções fluírem para dar mais cor e sabor à vida (científica e acadêmica). Assim, convido você a vir comigo nessa caminhada pela história da *Plura*. Talvez algum fato até lhe seja comum, considerando os assíduos leitores ou a experiência no acompanhamento de outros periódicos. Neste caso, sua perspectiva pode ajudar a enriquecer a história se você compartilhá-la comigo (o e-mail está no rodapé da página inicial). Vamos lá?

O INÍCIO DO TRABALHO COM TEXTOS: EDITOR DE LAYOUT E DE TEXTO

O ano era 2012 e respirava os primeiros ares da pós-graduação. Havia um certo encanto em tudo o que eu vivia, afinal, a vida longe de casa tinha também seus prêmios. O contato com um Sistema Eletrônico de Edição de Revistas (SEER) já me era comum, mas os bastidores dele, não. Eu inspirava uma sensação de privilégio e deslumbramento ao poder manipular textos ainda não lidos, desconhecidos do grande público, e que poderiam tornar-se numa referência para os estudos da área. Os textos já estavam avaliados, com pareceres favoráveis e corrigidos textualmente. O próximo passo era prepará-lo para receber apenas a paginação e ser publicado.

Além das recomendações do editor-chefe, Arnaldo Huff, de ter cuidado com o texto, restringindo-me apenas à formatação, o check-list foi um importante auxiliador. Preparado de forma muito minuciosa, ele pontuava cada etapa da formatação, como o tamanho da página, margens, cabeçalho e rodapé, numeração da página, tamanho da fonte, distância entre parágrafos, recuos de citação direta, notas de fim e referências bibliográficas. Era um gabarito que, se seguido à risca, resultava em um produto bonito de se ver e ler.

Numa época em que a ABNT assustava a muitos, a prática do check-list no preparo dos textos da Plura me legou significativa habilidade na formatação dos meus próprios textos. Aprendi a utilizar ferramentas ainda desconhecidas por mim dos editores de texto e adquiri um estilo de organização textual que me serviu no mestrado, no doutorado e até hoje. Constatei que a apresentação de um texto “limpo”, com os caracteres e espaços em seus devidos lugares, o tipo e o tamanho da fonte adequados e padronizados, os recuos de parágrafo e de citações diretas dentro de uma métrica, a distância entre um parágrafo e outro com um espaçamento que dava um certo descanso ao leitor e as referências bibliográficas bem ajustadas, facilitava bastante sua leitura e, se estivesse em avaliação, poderia contribuir para o humor do avaliador, trazendo-lhe de primeira uma impressão positiva.

Minha perspectiva era a de um tipógrafo que não se comprometia diretamente com o que estava escrito, mas era responsável pela sua boa apresentação. Ademais, garantir que a Plura mantivesse seu padrão gráfico que lhe imprimia uma identidade era um compromisso que o editor-chefe compartilhava conosco. Assim, a atenção aos detalhes era importante. E essa atenção me levou a outra função dentro da revista: a de editor de texto.

Depois de várias colaborações formatando os textos, vez por outra percebia a necessidade de alguns ajustes textuais que talvez passavam despercebidos pelo revisor. Seguindo a recomendação do editor-chefe, não fazia nenhuma interferência, mas passei a informá-lo separadamente. Devido à frequência desses apontamentos, no ano de 2013 fui promovido a editor de textos. Não tinha formação em linguística, mas, como brasileiro, entendia que o domínio suficiente do léxico era uma condição essencial para o âmbito profissional em que me encontrava e, como tinha oportunidade de muita leitura obrigatória, a atenção aos textos que estava formatando me fez perceber como ajustes textuais e de estilo também contribuíam para a “limpeza” do texto.

Agora, o contato mais próximo com os textos me tornou ainda mais interessado no trabalho. Estava ali, num papel de primeiro leitor, apreciativo e não avaliador. Buscava compreender as relações, os contextos, as sequências, os significados e opinava (às vezes era preciso agir mesmo) para que o texto se tornasse fluido. Muitas vezes foi difícil... seja pela temática que não tinha afinidade, seja pela dificuldade de concatenar as ideias dispostas no texto e, no mais das vezes, tornar um texto cuja ideia muito boa (ótima, algumas vezes) carecia de bastante adequação textual e linguística. Algumas vezes precisei interagir com o próprio autor do texto numa dinâmica prevista na revista, mas nem sempre bem recebida por alguns autores. É que uma “autoria” requer, de fato, “autoria” e nem sempre o que se diz, diz de fato o que deve ser dito. Assim, a interferência acabava sendo vista como limitação, censura ou incompreensão mesmo. Contudo, a aquiescência dos autores era, no geral, mais frequente que o desagrado. Aliás, o risco do desagrado foi algo que percebi ser real neste serviço e nos que vieram depois. Mas essa percepção só aconteceu tardiamente.

Fez parte do deslumbre no trabalho com a Plura a ideia de que autores reúnem condições intelectuais e socioemocionais na mesma medida. Mas eu mesmo senti isso na pele quando tive, algumas vezes, que escrever para outras revistas que havia submetido artigos pedindo esclarecimentos sobre a demora na avaliação e, mais ingenuamente, na publicação (alguns nunca foram publicados). Assim, acostumei-me aos poucos a esse ritmo de “morde e assopra”, tendo que interferir minimamente nos textos dos autores, buscando sua melhoria, e receber críticas ou agradecimentos. Na verdade, ainda não sabia que isso me renderia novos desafios.

A GERÊNCIA DA REVISTA: O TRABALHO COMO EDITOR-ASSOCIADO

Depois de dois anos de experiência, fui convidado para compor a equipe editorial da revista. Por ocasião do Simpósio Nacional da ABHR, ocorrido na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em 2015, evento que ajudei a organizar junto com o Arnaldo, fui levado por ele para a Assembleia Geral a fim de propormos uma chapa para a eleição da Comissão de Redação da ABHR, responsável pela Plura. Compunham a chapa o Arnaldo, como editor-chefe, Fábio Py e eu, como editores-associados. Não só por não ter havido concorrência, mas pelo trabalho que o Arnaldo desempenhou desde a criação da revista, a chapa foi eleita por unanimidade e passamos a seguir com os trabalhos da Plura.

Agora os desafios aumentaram significativamente. O trabalho de editor-associado envolvia mais ações junto a autores e a personagens que ainda não havia tido experiência de contato: pareceristas. O conhecimento do fluxo de avaliação, algo que já me era familiar, mas sem maiores detalhamentos, constituiu-se ao mesmo tempo em satisfação e contrariedade. E o acúmulo de atividades logo no início também se mostrou desafiador. Em paralelo, ainda tinha minhas atividades acadêmicas, agora do doutorado, a cumprir, acompanhadas das demandas da vida pessoal, que necessariamente existem e não esperam.

As orientações do nosso editor-chefe eram de que todos os artigos deveriam ser submetidos a pareceristas doutores, com formação e/ou pesquisas na área ou no assunto do artigo, devendo cada trabalho receber, no mínimo dois pareceres. A expectativa era pela aprovação nesses dois pareceres, mas havendo divergências, seria necessário apelar para um terceiro (às vezes até um quarto ou um quinto...). Fosse um serviço que demandasse o contato direto com um parecerista e este aceitasse, retornando sua análise no prazo estipulado, a dinâmica seria muito tranquila. Mas isso existe apenas no imaginário dos autores, talvez. A realidade é bem mais dura, pois precisávamos lidar com a busca de pareceristas específicos para os temas (um trabalho muitas vezes árduo, pois demandava pesquisas na Internet e no Lattes, quando o banco de dados da revista não dispunha de avaliadores adequados), com sua disponibilidade, tendo que negociar prazos e manter contatos frequentes para lembrá-los da emissão do parecer, e até mesmo resignar-se quando aquele parecerista que havia aceito inicialmente e que era o especialista naquele assunto simplesmente não respondia mais os e-mails e não cumpria com o prazo, muitas vezes prorrogado para seu retorno.

A resignação é porque às vezes entendíamos bem suas razões e, sendo um trabalho voluntário, não nos cabia nenhum tipo de comportamento mais excessivo ou invasivo. Na época, ainda não havia WhatsApp e as redes sociais não faziam o sucesso de hoje. Então, só dispúnhamos do velho e eficaz “e-mail”. Se fosse alguém mais próximo, valeria uma ligação telefônica, mas isso era muitíssimo raro.

Acabou que o relato anterior priorizou mais as contrariedades, como se essas fossem constantes. Mas havia também as alegrias (muitas!). Contatar pareceristas que se dispunham facilmente a avaliar artigos e que rapidamente respondiam com suas avaliações era como um oásis no deserto. Algumas vezes tínhamos até muitos oásis e a satisfação aumentava quando aquele contato era de um pesquisador/estudioso clássico, reconhecido nacional ou internacionalmente e muito acessível para este serviço. Foram muitos os contatos feitos com eminentes professores de departamentos que se mostravam solícitos ou mesmo se desculpavam por não poderem atender à solicitação. Conheci muitas pessoas generosas nesse período.

Lidar também com um grande número de submissões era um fardo bem pesado. Tínhamos que filtrá-las, pois muitas não se adequavam ao perfil da revista ou de pesquisa e outras eram de temas muito significativos, mas bem específicos, demandando a caça de pareceristas também muito específicos. Alguns artigos demoravam mais de um ano no processo de avaliação, justamente por conta das dificuldades relatadas e era necessário apaziguar os ânimos dos autores. Mas também alguns trabalhos repetiam o fluxo de avaliação, num processo de idas e vindas entre autores e avaliadores, a fim de garantir o bom ajuste para a publicação. Outros tinham que ser submetidos novamente à revista após as adequações recomendadas. E outros, numa quantidade bem razoável, eram rejeitados no processo avaliativo, situação muito delicada para nós da comissão pois nem sempre os pareceres eram bem recebidos pelos autores e precisávamos agir de forma muito cuidadosa a fim de não gerarmos situações de desagrado. Mas, mesmo com todo esse cuidado, situações assim não foram poucas, e algumas emblemáticas.

Apesar da perceptível ênfase negativa relatada, necessária de ser registrada e comentada nesta oportunidade de resgate histórico desses quinze anos da Plura, as alegrias se renovavam no lançamento de um novo número. Não foram poucas as madrugadas adentro para fechar a edição, ajustando os trabalhos que ora realizei, como edição de la-

yout e de texto, este último tendo também uma revisão de língua estrangeira com profissionais habilidosos e voluntários, e a composição de todos os artigos numa ordem minimamente lógica e temática. Era um trabalho que não poderia conter erros e, havendo-os, que fossem atenuados graças às rápidas respostas da Comissão de Redação e demais pessoas envolvidas aos autores e leitores.

Foram muitos números publicados expressando objetivamente seu propósito, mas os bastidores reúnem outras muitas oportunidades de aprendizagem, de ambos os lados, do lado de lá, com os autores e leitores, e do lado de cá, dos pareceristas e editores. Registro aqui o aprendizado do lado de cá, pois não há como desconsiderar o profícuo trânsito de informações, ocultas aos olhares dos leitores, que mudaram perspectivas, revisaram conclusões, corroboraram com ideias novas e ensinaram o duro trato com o contraditório e algumas vezes com o erro, sob o dossel sagrado da avaliação por pares cegos que garantia a segurança dos autores e pareceristas.

A RESPONSABILIDADE MAIOR E OS DESAFIOS INESPERADOS: EDITOR-CHEFE

Em 2018, durante a Assembleia Geral Ordinária do Simpósio Nacional da ABHR, ocorrido na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), foi eleita a nova Comissão de Redação da ABHR. A chapa única era composta por mim, como editor-chefe, e Mariana Matos, Clayton Guerreiro e Gustavo Martins, como editores-associados. Após 8 anos à frente da Plura, Arnaldo passou o bastão para que eu continuasse seu profícuo trabalho. E nessa empreitada, seguimos com a programação da revista em um cenário um tanto quanto intranquilo em que a ABHR se encontrava.

Mantivemos o mesmo formato e a mesma dinâmica de trabalho que já vinha sendo implementada ao longo dos anos. Mas colocamos como meta a atualização do SEER para uma versão mais recente e que já vinha sendo utilizada por outros periódicos conhecidos. Deveria ser um trabalho muito meticuloso, pois precisávamos garantir que a plataforma se mantivesse estável e sem perder nenhum dos processos de submissão. Para o usuário comum, talvez apenas a interface mudasse, tornando-se mais amigável. Mas, para nós, dos bastidores, além da melhoria nos processos, a nova plataforma constituía-se em outra metodologia de trabalho. Seguimos com o projeto.

O desafio financeiro foi um dos que primeiro tivemos que superar na defesa do projeto. Sendo uma revista autônoma, não ligada a nenhum departamento de universidade, o financiamento teria que vir direto da ABHR. Não foram poucas as longas conversas que tivemos com a Diretoria de então, sobretudo a Financeira, algumas vezes tentando explicar o papel da revista enquanto importante meio de publicização de pesquisas científicas. A justificativa que nos era apresentada para o investimento que estava sendo pleiteado era de que a Plura deveria ajudar a arcar com essa despesa de alguma forma. Até então, os custos da revista estavam diluídos nos custos da Associação, constituindo-se apenas na manutenção do site, que estava ligado ao site oficial, hospedado na Internet em um domínio “.org”, e o seu e-mail institucional. Todas as pessoas que colaboravam na Plura eram voluntárias, inclusive seu editor-chefe.

Como era uma meta que colocamos para nossa gestão, continuamos trabalhando com a plataforma anterior, mas fazendo estudos e contatos para atenuar a implantação da nova plataforma. Articulamos até com universidades, graças aos contatos de professores parceiros, para que, junto com suas revistas, fosse incluída a Plura, inclusive garantindo sua hospedagem, algo que neste momento já se mostrava preocupante. Contudo, a burocracia institucional impediu essa via de escape, por motivos muito plausíveis. Uma dessas instituições até se propôs a “adotar” a Plura, algo que não concordamos e logo dispensamos. E fomos seguindo dentro das condições e agora limitações que tínhamos.

Em 2019, já sentindo alguns impactos das tensões que vinham ocorrendo no âmbito da Presidência da ABHR, a página da revista passou a ficar muito instável. Primeiro ocorreu uma intermitência, passando alguns dias e depois semanas indisponível. Isso afetou seriamente os processos de edição que vinham em curso e as programações de novas publicações. O desânimo e a desesperança também nos afetaram, já que queríamos seguir trabalhando, mas não havia meios. Por fim, em uma última queda da página, em junho de 2019, não conseguimos mais retomá-la e nem ter acesso ao e-mail institucional. Nessa época, mantivemos contato permanente com a direção da ABHR, que era a responsável pela hospedagem da revista, para que fossem tomadas providências imediatas, o que nos foi informado que estavam tentando resolver e pediam um prazo. Abaixo segue o comunicado que fizemos, na época, e enviamos para um banco de e-mails que tínhamos

dos inscritos nos simpósios da ABHR, divulgando também nas redes sociais que tínhamos acesso.



Comunicado

Cumpre-nos informar que Plura, Revista de Estudos de Religião, periódico científico da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR), está com seu sistema de editoração eletrônico e e-mail suspensos devido a problemas técnicos em sua hospedagem na internet.

Desde maio de 2019 a revista vem passando por intermitências, algo que fugiu do controle desta Comissão de Redação. Temos mantido contato permanente com a direção da ABHR, responsável pela hospedagem da revista na internet, a fim de que sejam tomadas providências imediatas para o pleno restabelecimento do sistema.

Em meio a esta suspensão, avaliamos os prejuízos que vimos acumulando ao longo desses quase 3 meses de intermitência: leitores sem acesso aos artigos publicados; autores aguardando conclusão da avaliação de seus textos; textos ainda aguardando o início da avaliação; e quebra da periodicidade. Tão logo a revista retorne ao normal, trabalharemos para amenizar essa situação.

Retardamos a publicação deste comunicado considerando que o problema seria resolvido logo, tendo em vista o suporte técnico que a ABHR tem dado. Contudo, sabendo que necessitamos manter informados nossos leitores e autores que submeteram seus textos, fazemos este comunicado agora.

Ainda não temos previsão de quando a revista e o e-mail voltarão ao normal, tendo em conta que até o momento todas as movimentações por parte dos profissionais envolvidos no restabelecimento do site e do e-mail mostraram-se ineficazes. Assim, pedimos desculpas a todos e nos colocamos à disposição para quaisquer contatos através do e-mail ismaelvasconcelos@gmail.com.

A Comissão de Redação de Plura reitera o compromisso, assumido em assembleia ordinária da ABHR, de manter a revista e continuar primando por sua qualidade, tão logo estejamos novamente em condições normais.

Cordialmente,

Ismael de Vasconcelos Ferreira – Editor-chefe

Clayton Guerreiro – Editor associado

Gustavo Claudiano Martins – Editor associado

Mariana de Matos Ponte Raimundo – Editora associada

17/07/2019

PLURA, Revista de Estudos de Religião, ISSN 2179-0019.

Passadas algumas semanas, sem sucesso no retorno da plataforma e do e-mail institucional, decidimos colocar em prática o plano de iniciar a revista a partir de uma nova plataforma, como vínhamos programando. Felizmente, a empresa que nos assessorou nesse processo conseguiu resgatar todo o banco de dados da plataforma anterior, já que havíamos perdido o domínio de acesso à revista, e nos propôs um contrato de manutenção para o novo site (o e-mail institucional e todos os seus dados foram perdidos). Já nesse período, com a ABHR sob intervenção, o Presidente interino autorizou que contratássemos a empresa e que os custos, naquele momento, seriam rateados até que a situação jurídica da associação se resolvesse.

A partir daí, conseguimos retomar os trabalhos de edição, dentro das possibilidades que tínhamos na Comissão de Redação. Para isso, outros colaboradores editores tiveram que se engajar, de modo *ad-hoc*, à Comissão. Foram eles Bruno Albuquerque e Paulo Sérgio Raposo, indicados pelo Presidente, Diego Omar, que, sensibilizado com a situação da revista, desde sua posse deu todo o apoio necessário, inclusive com a autorização para reiniciarmos a Plura na nova plataforma.

Passados então dois anos da minha gestão enquanto editor-chefe da Plura e seis como editor de layout, de texto e associado, não me candidatei a um novo mandato, deixando à disposição da Presidência o seguimento da revista.

CONCLUSÃO

A finalização deste texto ocorre com um misto de satisfação e gratidão. A recordação desses fatos narrados me trouxe memórias muito sensíveis e me fizeram revisitar uma parte importante da minha história. Todos esses acontecimentos se deram enquanto eu vivia, junto com minha família, a expectativa da realização de um projeto de vida. Achava eu que haveria uma culminância de toda essa história, e de certa forma há, não só uma, mas muitas! Citando Guimarães Rosa, “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. A travessia ensinou muito, com os ganhos e as perdas. A liminaridade desses pontos distintos foi que permitiu os avanços realizados. Por isso foram muitas culminâncias.

Essa travessia teve inúmeros obstáculos. Hoje posso afirmar que quase todos foram superados. E o produto, ou a prova disso, é que a Plura, Revista de Estudos de Religião da ABHR, mantém-se firme e relevante. Agora, sob o cuidado do editor-chefe Diego Omar, que sempre se mostrou sensível e cuidadoso com as causas da revista, a Plura chega nos seus quinze anos muito amadurecida e consolidada. As mãos que a conduziram, desde sua criação em 2010 pelo Arnaldo, que foi seu oleiro, tornaram-na digna das homenagens que hoje prestamos. E essas homenagens estendem-se a todos os que solidariamente estiveram ao seu lado. E em nome de todos esses colaboradores, saúdo o Waldney Costa que tantas vezes atuou para que a revista chegasse aqui.

Minha gratidão por ter feito parte desse processo e meus sinceros desejos de que a Plura prossiga, tornando-se cada vez mais uma referência na área de estudos de religião, reunindo, em seus bonitos números, gente da melhor qualidade possível.

ABSTRACT:

In this text I will present part of the history of Plura, Revista de Estudos de Religião of the then Brazilian Association of History of Religions (ABHR), at the time when I worked as layout editor, through text editor, associate editor, until reaching the post of editor-in-chief, over a period of eight years (2012-2020). The records are from memory, but can also be verified in the publications available on the magazine's website which, bravely, under the voluntary spirit of strong and fearless guardians, has been maintained throughout its fifteen years of existence. Plura, during this period, stood out as an autonomous scientific publication vehicle, as it was not linked to any department or postgraduate program, moving organically based on contributions from ABHR associates and people interested in publishing their research. It went through, almost unscathed, the changes that occurred in the association that supports it and, thanks to its consolidation, it remained firm, efficient and relevant, constituting an intellectual capital worthy of celebrations.

Keywords: History; Memory; Plura; Fifteen years old.

Recebido em 20/05/2024

Aprovado para publicação em 29/05/2024